

# JOHN LE CARRÉ

## AGENTE EM CAMPO

1ª edição

TRADUÇÃO

Marta Chiarelli



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2021

## I

Nosso encontro não foi planejado. Nem por mim, nem por Ed, nem pelas mãos ocultas que supostamente controlavam os seus movimentos. Eu não era um alvo. Ed não foi induzido a fazer isso. Não estávamos sendo secreta nem ostensivamente observados. Ed propôs um desafio esportivo. Aceitei. Jogamos. Não houve planejamento, nem conspiração, nem conluio. Há eventos na minha vida — poucos, ultimamente, é verdade — que admitem uma única versão. Nosso encontro é um deles. Meu relato sobre o que se passou jamais se alterou em todas as vezes que me fizeram repeti-lo.

É noite de sábado. Estou sentado em uma espreguiçadeira estofada ao lado da piscina interna do Clube Atlético em Battersea, do qual sou secretário honorário, um título que de modo geral não quer dizer nada. A área de convivência do clube, adaptada de uma antiga cervejaria, é ampla, escura, com vigas altas no teto, tem a piscina de um lado e o bar do outro, e entre os dois uma passagem que leva aos vestiários feminino e masculino e aos chuveiros.

Estou de frente para a piscina em um ângulo oblíquo em relação ao bar. Depois do bar fica a entrada para a área de convivência, em seguida o saguão e por fim a saída para a rua. Portanto, a minha posição não me permite ver quem entra na área de convivência ou quem circula pelo saguão lendo avisos, reservando quadras ou inscrevendo-se no torneio pirâmide do clube. O bar funciona em ritmo acelerado. Garotas e seus pretendentes respingam água e conversam.

Estou usando meu traje de badminton: short, camisa de moletom e tênis novos, que são gentis com os meus tornozelos. Comprei-os para

me defender de uma dor persistente no tornozelo esquerdo, originada durante uma caminhada pelas florestas da Estônia um mês atrás. Após temporadas consecutivas e prolongadas no exterior, estou aproveitando um período bem merecido de férias em casa. Uma nuvem paira sobre minha vida profissional e estou fazendo o possível para ignorá-la. Acredito que serei dispensado na segunda-feira. Bem, que seja, repito a mim mesmo. Estou adentrando meu quadragésimo sétimo ano de vida, foi um belo caminho até aqui, o combinado sempre foi esse, então sem reclamações.

Um consolo maior ainda para mim é saber que, apesar da idade avançada e de um tornozelo problemático, sigo reinando supremo como campeão do clube, tendo garantido no sábado passado o título do torneio de simples contra um competidor talentoso e mais jovem. Partidas de simples são em geral vistas como domínio exclusivo dos ágeis de vinte e poucos anos, mas até agora tenho dado conta. Hoje, de acordo com a tradição do clube, como campeão recém-coroadado, eu me absolvi em um amistoso contra o campeão do nosso clube rival do outro lado do rio, em Chelsea. E cá está ele, sentado ao meu lado, no esplendor que sucedeu ao nosso combate, copo de cerveja na mão, um jovem advogado indiano, ambicioso e esportista. Fui severamente pressionado até os últimos pontos, quando o jogo virou a meu favor graças à experiência e a um pouco de sorte. Talvez esses fatos simples sejam úteis para explicar minha atitude benevolente quando Ed lançou o desafio, e minha sensação, embora fugaz, de que existia vida após a demissão.

Meu adversário derrotado e eu estamos conversando amigavelmente. O assunto, lembro-me como se fosse ontem, eram nossos pais. Descobrimos que ambos tinham sido jogadores entusiásticos de badminton. O dele fora vice-campeão do All-India. O meu, durante uma temporada áurea, consagrara-se campeão do Exército britânico em Cingapura. Enquanto trocamos ideia, dessa maneira divertida, dou-me conta de que Alice, nossa recepcionista e contabilista de origem caribenha, avança sobre mim, acompanhada de um jovem muito alto e ainda irreconhecível. Alice tem 60 anos, é extravagante, corpulenta e sempre um pouco ofegante. Somos dois dos membros mais antigos do clube, eu como jogador, ela como alicerce. Onde quer que eu estivesse alocado no mundo, nunca deixamos de trocar cartões de Natal. Os meus eram atrevidos; os dela,

respeitosos. Quando digo que avançavam sobre mim, digo literalmente, pois os dois estavam me atacando pela retaguarda, com Alice liderando a marcha; primeiro precisaram passar por mim, depois se viraram, coisa que conseguiram fazer de modo comicamente sincronizado.

— Sr. Nat, senhor — anuncia Alice com ar bastante cerimonioso. Com mais frequência sou lorde Nat para ela, mas nesta noite sou um cavaleiro comum. — Este jovem extremamente bonito e educado precisa falar com o senhor *muito* em particular. Mas não quer *perturbá-lo* no seu momento de glória. O nome dele é *Ed*. *Ed*, diga oi ao *Nat*.

Durante um longo tempo, na minha memória, *Ed* permanece alguns passos atrás dela, este jovem de mais de um metro e oitenta, desengonçado, usando óculos, com um quê de solitário e um sorriso meio tímido. Lembro-me de como duas fontes de luz opostas convergiam sobre ele: o facho de luz laranja do bar, que lhe conferia um brilho celestial, e, por trás dele, os refletores da piscina, que lhe moldavam uma silhueta avantajada.

Ele dá um passo à frente e se torna real. Dois passos grandes, desajeitados, pé esquerdo, pé direito, e para. Alice se afasta apressadamente. aguardo até ele falar. Ajusto minhas feições para mostrar um sorriso paciente. Um metro e noventa, pelo menos, cabelo escuro e desgrenhado, olhos grandes, castanhos e atentos que lhe conferem um ar etéreo por causa dos óculos, e o tipo de bermuda até o joelho, branca, esportiva, mais comum a iatistas ou filhos da elite bostoniana. Idade em torno de 25, mas, com aquelas feições de eterno aluno, poderia facilmente ter menos ou mais idade.

— Senhor? — pergunta, por fim, embora não exatamente de modo respeitoso.

— *Nat*, se não se importa — corrijo-o, com outro sorriso.

Ele assimila. *Nat*. Pensa a respeito. Franze o nariz adunco.

— Bem, eu sou *Ed* — propõe, repetindo a informação dada por Alice, para meu melhor entendimento. Na Inglaterra para a qual retornei recentemente ninguém tem sobrenome.

— Bem, oi, *Ed* — respondo com alegria. — Em que posso ajudá-lo? Outro hiato enquanto ele pensa. Então, a revelação:

— Quero jogar contra você, sabe? Você é o campeão. O problema é que acabei de entrar no clube. Na semana passada. Pois é. Eu me ins-

crevi no torneio e tudo mais, mas a pirâmide demora *meses*. — Assim, as palavras se libertam do confinamento.

Então se segue uma pausa enquanto ele olha para nós dois, um de cada vez, primeiro para meu cordial adversário, em seguida de volta para mim.

— *Escuta* — prossegue, argumentando comigo, apesar de eu não ter contestado coisa alguma —, não conheço o protocolo do clube, sabe? — O tom de voz subindo com indignação. — O que não é culpa minha. Só que eu perguntei para a Alice. E *ela* respondeu: “Pergunta para ele, ele não morde.” Por isso estou perguntando. — E, caso fosse necessária mais alguma explicação: — É que eu vi você jogando, sabe? E ganhei de algumas pessoas de quem você ganhou. E de uma ou duas que ganharam de você. Tenho certeza de que poderíamos fazer uma boa partida. Uma partida muito boa. Pois é. Uma *ótima* partida, na verdade.

E a voz em si, da qual a essa altura tenho uma boa amostra? No consagrado jogo de salão britânico de situar nossos compatriotas na pirâmide social pela virtude da sua dicção, sou na melhor das hipóteses um jogador ruim, tendo passado tempo demais da minha vida em terras estrangeiras. Mas, ao ouvido da minha filha Stephanie, uma igualitária declarada, suponho que a dicção de Ed passaria como *razoável*, o que significa nenhuma evidência direta de educação privada.

— Posso saber onde você joga, Ed? — indago, uma pergunta-padrão entre nós.

— Em todo lugar. Onde eu encontrar um adversário decente. Pois é. — E, depois de refletir: — Daí ouvi dizer que você era sócio daqui. Alguns clubes deixam a gente jogar e pagar. Aqui não. Aqui é preciso se associar antes. É um trambique, na minha opinião. Então me associei. Custou uma puta fortuna, mas enfim.

— Bem, sinto muito que você tenha precisado desembolsar essa grana, Ed — respondo o mais cordialmente que posso, atribuindo ao nervosismo o palavrão gratuito. — Mas, se você quer uma partida, por mim tudo bem — acrescento, notando que a conversa ao redor do bar está diminuindo e cabeças estão começando a se virar. — A qualquer hora, definimos uma data. Será um prazer.

Mas isso não é nem de longe o suficiente para Ed.

— Então, quando você acha que seria possível? Concretamente. Não só *a qualquer hora* — insiste, e recebe uma chuva de risadas do bar, o que, a julgar pela sua careta, o irrita.

— Bem, não pode ser na próxima semana nem na seguinte, Ed — respondo com bastante sinceridade. — Tenho um negócio meio sério para resolver. Férias muito atrasadas com a família, na verdade — acrescento, na esperança de um sorriso e recebendo um olhar inexpressivo.

— Quando você volta, então?

— Uma semana depois de sábado, se nós não quebrarmos nenhum osso. Vamos esqui.

— Onde?

— Na França. Perto de Megève. Você esquia?

— Já esquiei. Na Baviera. Que tal no domingo seguinte?

— Receio que teria de ser num dia de semana, Ed — respondo firmemente, já que fins de semana com a família, agora que Prue e eu conseguimos concretizá-los, são sagrados e hoje é uma rara exceção.

— Então um dia de semana a partir de segunda, daqui a duas semanas, certo? Qual? Escolhe um. Você decide. Para mim, tanto faz.

— Provavelmente uma *segunda* seria melhor para mim — sugiro, porque nas noites de segunda Prue faz o seu atendimento jurídico *pro bono*.

— Segunda-feira, daqui a duas semanas então. Seis da noite? Sete? A que horas?

— Bem, me diz o que é melhor para  *você*  — sugiro. — Meus planos estão um pouco em aberto. — Em aberto do tipo provavelmente estarei no olho da rua até lá.

— Às vezes me fazem ficar até mais tarde nas segundas — diz, em tom de queixa. — Que tal às oito? Às oito está bom para você?

— Tudo bem às oito para mim.

— Pode ser na quadra um, se eu conseguir? Alice me falou que não gostam de ceder quadras para jogos de simples, mas com você é diferente.

— Pode ser em qualquer quadra, Ed — asseguro perante mais risadas e um punhado de aplausos do bar, pela persistência, suponho.

Trocamos números de celular, sempre um pequeno dilema. Dou-lhe o número pessoal e sugiro que me mande uma mensagem se houver qualquer imprevisto. Ele faz o mesmo pedido a mim.

— Ah, Nat — diz, suavizando repentinamente o tom de voz bastante carregado.

— Quê?

— Aproveite as férias com a família, viu? — E, para o caso de eu ter me esquecido: — Segunda-feira, daqui a duas semanas então. Oito da noite. Aqui.

A essa altura todos estão rindo ou batendo palmas enquanto Ed, depois de um aceno fraco e apático com o braço direito, trota para o vestiário masculino.

— Alguém o conhece? — pergunto, descobrindo que inconscientemente me virei para vê-lo sair.

Cabeças balançam. Foi mal aí, parceiro.

— Alguém o viu jogar?

Foi mal aí de novo.

Escolto meu adversário visitante até o saguão e, no caminho de volta ao vestiário, coloco a cabeça dentro do escritório. Alice está debruçada sobre o computador.

— Ed de quê?

— Shannon — entoa, sem levantar a cabeça. — Edward Stanley. Adesão individual. Pagamento por transferência programada, sócio efetivo.

— Profissão?

— O Sr. Shannon é *pesquisador*. Quem pesquisa ele não diz. O que pesquisa ele não diz.

— Endereço?

— Hoxton, no distrito de Hackney. Mesmo lugar onde moram as minhas duas irmãs e a minha prima Amy.

— Idade?

— O Sr. Shannon *não* se qualifica para ser sócio júnior. O quanto não se qualifica, ele não diz. Só sei que é um garoto ávido pelo senhor, pedalando por toda Londres só para desafiar o campeão do sul. Ele ouviu falar do senhor, agora veio derrotá-lo, com certeza do jeito que Davi fez com Golias.

— Ele *disse* isso?

— O que ele não disse eu adivinhei. Você é campeão de simples já há muito tempo para a sua idade, Nat, igual a Golias. Quer o nome da mamãe e do papai dele? O valor da hipoteca dele? O tempo de cadeia?

— Boa noite, Alice. E obrigado.

— Boa noite também, Nat. E não deixe de mandar minhas lembranças para Prue. E vê se não começa a se sentir inseguro por causa daquele rapaz, viu? Você vai botar ele pra correr, como faz com todos os moleques metidos.



## 2

Se este fosse o histórico de um caso oficial, eu iniciaria com o nome completo de Ed, filiação, data e local de nascimento, profissão, religião, origem racial, orientação sexual e todos os outros dados essenciais que estão faltando no computador de Alice. Sendo o que é, começo pelos meus dados.

Fui batizado Anatoly, mais tarde anglicizado Nathaniel, Nat para abreviar. Tenho um metro e setenta e oito, barba feita, cabelos cheios de redemoinhos ficando grisalhos, casado com Prudence, sócia no que diz respeito a questões jurídicas gerais de natureza solidária em um antigo escritório de advocacia da City de Londres, mas atuando principalmente em casos *pro bono*.

Em termos de compleição, sou magro. Prue prefere *esguio*. Amo todo tipo de esporte. Além de badminton, faço jogging, corro e malho uma vez por semana em uma academia que não é aberta ao público em geral. Posso um *charme rústico* e a *personalidade acessível de um homem do mundo*. Em termos de aparência e maneiras, sou *um arquétipo britânico*, capaz de *argumentação fluente e persuasiva em curto prazo*. Eu sou *adaptável às circunstâncias* e *não tenho nenhum escrúpulo moral insuperável*. Posso ser *irascível* e *não sou de maneira alguma imune aos encantos femininos*. *Não tenho vocação para serviço burocrático ou vida sedentária*, o que é o maior eufemismo de todos os tempos. Posso ser *obstinado* e *não sou naturalmente disciplinável*. Isso pode ser *tanto um defeito quanto uma virtude*.

Estou citando os relatórios confidenciais dos meus antigos chefes sobre meu desempenho e meu charme em geral, escritos nos últimos

25 anos. Você também vai gostar de saber que, quando for preciso, pode *confiar* que demonstrarei *a insensibilidade necessária*. Necessária para quem, e em que grau, isso não é declarado. Por outro lado, tenho uma *leveza e uma natureza acolhedora que inspira confiança*.

No plano mais mundano, sou um súdito britânico, de nascimento misto, filho único nascido em Paris, e meu falecido pai, na época da minha concepção, era um pobre major da Guarda Escocesa, destacado para a sede da Otan em Fontainebleau, e minha mãe, filha de inexpressiva nobreza russa branca, residia em Paris. *Russa branca* significa também uma boa porção de sangue alemão que ela tinha por parte de pai, fato que ela alternadamente invocava ou negava como bem queria. Reza a lenda que o casal se encontrou pela primeira vez em uma recepção promovida pelos últimos remanescentes do autointitulado governo russo em exílio, na época em que minha mãe ainda se dizia aluna de belas-artes e meu pai estava perto dos 40 anos. Na manhã seguinte, já estavam noivos; ou assim contava a minha mãe, e, dada a sua passagem na vida com relação a outros assuntos, eu não tenho muitos motivos para questionar sua palavra. Depois que meu pai se aposentou do Exército — o que fora prontamente imposto, considerando que na época de sua paixão ele tinha uma esposa e outras incumbências —, os recém-casados se estabeleceram no subúrbio parisiense de Neuilly, em uma bonita casa branca cedida por meus avós maternos, onde nasci dentro de pouco tempo; permitindo, assim, que minha mãe fosse buscar outras distrações.

Deixei para mencionar por último a pessoa grandiosa e onisciente que foi minha querida tutora de línguas, cuidadora e, na prática, governanta, Madame Galina, supostamente uma condessa empobrecida, proveniente da região russa do Volga, que alegava ter sangue Romanov. Como ela chegou ao nosso lar ingovernável ainda não é claro para mim. Meu melhor palpite é que ela fora a amante rejeitada de um tio-avô materno, que, depois de fugir de Leningrado, como se chamava na época, e ganhar uma segunda fortuna como negociante de arte, dedicou a vida à aquisição de mulheres bonitas.

Madame Galina tinha pelo menos 50 anos quando apareceu no nosso lar, bem rechonchuda, mas com um sorriso sedutor. Usava vestidos

longos, de seda preta farfalhante, confeccionava os próprios chapéus e ocupava os dois quartos do nosso sótão com tudo o que possuía no mundo: seu gramofone; seus ícones; uma pintura completamente escura da Virgem Maria, que ela insistia ser de Leonardo; caixas sobre caixas de cartas antigas e fotografias dos avós, de quando eram jovens príncipes e princesas, na neve, rodeados de cães e criados.

A grande paixão de Madame Galina, depois do meu bem-estar, eram as línguas, das quais falava várias. Eu mal havia dominado os elementos ortográficos do inglês e ela já me empurrava a escrita cirílica. Nossas leituras antes de dormir eram um revezamento do mesmo conto infantil, numa língua diferente a cada noite. Em encontros da comunidade cada vez mais diminuta de descendentes russos brancos, exilados da União Soviética, em Paris, eu atuava como sua criança poliglota modelo. Dizem que falo russo com entonação francesa, francês com entonação russa, e alemão com mistura de ambos. Por outro lado, meu inglês, bem ou mal, permanece o do meu pai. Dizem-me que tem até a cadência escocesa dele, se não o rugido alcoólico que a acompanhava.

Quando completei 12 anos, meu pai sucumbiu ao câncer e à melancolia, e, com a ajuda de Madame Galina, atendi às suas necessidades no leito de morte. Minha mãe estava ocupada com o seu admirador mais rico, um belga negociante de armas por quem eu não tinha nenhuma consideração. No desconfortável triângulo que se sucedeu ao falecimento de meu pai, fui considerado excedente de acordo com os requisitos e despachado para as fronteiras escocesas, sendo alojado durante as férias na casa de uma tia paterna austera e durante o período letivo em um internato espartano nas Highlands. Apesar de todo empenho da escola em não me educar em matérias ministradas dentro de sala de aula, ingressei em uma universidade nas industriais Midlands inglesas, onde dei meus primeiros passos desajeitados com o sexo feminino e de raspão consegui um diploma de terceira categoria em estudos eslavos.

Há vinte e cinco anos sou membro atuante do Serviço de Inteligência Secreto Britânico. Para os iniciados, a Central.

★

Até hoje meu recrutamento à bandeira secreta parece predestinado, pois não me lembro de jamais ter considerado ou desejado seguir qualquer outra carreira, exceto possivelmente badminton ou alpinismo nas Cairngorms. Desde que meu orientador na universidade me perguntou timidamente, segurando uma taça morna de vinho branco, se eu já havia considerado fazer algo “um pouquinho sigiloso pelo seu país”, meu coração bateu forte em aceitação, e percebi que minha mente retornou a um apartamento escuro em Saint-Germain que Madame Galina e eu havíamos frequentado todos os domingos até a morte de meu pai. Foi lá que vibrei pela primeira vez com o burburinho da conspiração anti-bolchevique enquanto meus meios-primos, tios por afinidade e tias-avós de olhos arregalados trocavam mensagens sussurradas provenientes da pátria onde poucos deles haviam pisado — antes de se darem conta da minha presença e exigirem que eu jurasse guardar segredo, independentemente de eu ter entendido ou não o segredo que não deveria ter escutado. Também lá adquiri o fascínio pela Mãe Rússia de cujo sangue eu compartilhava, por sua diversidade, sua imensidão e seus caminhos insondáveis.

Uma carta insossa cai na minha caixa de correio, avisando que eu me apresente em um prédio com pórtico próximo ao Palácio de Buckingham. Por trás de uma mesa grande, que parece mais uma torre de artilharia, um almirante reformado da Marinha Real me pergunta quais esportes pratico. Respondo badminton, e ele fica visivelmente comovido.

— Sabia que eu joguei badminton com o seu querido pai em Cingapura e ele me deu uma verdadeira surra?

Não, senhor, respondo, eu não sabia, e me pergunto se deveria pedir desculpas pelo meu pai. É provável que tenhamos falado de outras coisas, mas não me recordo.

— E onde ele está *enterrado*, o seu pobre velho? — pergunta, enquanto me levanto para ir embora.

— Em Paris, senhor.

— Ah, bem. Boa sorte para você.

Recebo ordens para me apresentar na estação ferroviária de Bodmin Parkway, levando um exemplar da edição da semana anterior da revista *Spectator*. Depois de apurar que todos os exemplares não vendidos foram

devolvidos ao atacadista, furto um da biblioteca local. Um homem usando um chapéu fedora verde me pergunta a que horas parte o próximo trem para Camborne. Respondo que não sei dizer, pois estou a caminho de Didcot. Sigo-o de longe até o estacionamento, onde uma van branca está aguardando. Após três dias de perguntas inescrutáveis e jantares pomposos, durante os quais meus atributos sociais e resistência ao álcool são testados, sou convocado perante o conselho reunido.

— *Então*, Nat — diz uma senhora grisalha no centro da mesa. — Agora que perguntamos tudo sobre você, há alguma pergunta que gostaria de *nos* fazer, para variar?

— Bem, na verdade, *sim* — respondo, depois de demonstrar a mais sincera reflexão. — Os senhores me perguntaram se podem contar com a minha lealdade, mas eu posso contar com a dos *senhores*?

Ela sorri, e, logo, todos sentados à mesa sorriem com ela: o mesmo sorriso triste, esperto, introspectivo, que é o máximo que o Serviço oferece de reconhecimento.

*Eloquente sob pressão. Boa agressividade latente. Recomendado.*

★

No mesmo mês em que completei o curso de treinamento básico em artes das trevas, tive a sorte de conhecer Prudence, minha futura esposa. Nosso primeiro encontro não foi auspicioso. Depois da morte de meu pai, um regimento de esqueletos escapara do armário da família. Meios-irmãos e meias-irmãs, dos quais jamais tinha ouvido falar, passaram a reivindicar um espólio que durante os últimos quatorze anos vinha sendo disputado, litigado e depenado por seus administradores escoceses de bens. Um amigo recomendara um escritório de advocacia em Londres. Após cinco minutos ouvindo minhas lamúrias, o sócio sênior apertou uma campainha.

— Uma das melhores entre os nossos jovens advogados — assegurou-me.

A porta se abriu e uma mulher da minha idade marchou sala adentro. Vestia um terninho preto intimidador do tipo preferido pelos profissionais de advocacia, óculos de professora e botas pesadas e pretas de

estilo militar calçando pés minúsculos. Trocamos um aperto de mãos. Ela não me olhou duas vezes. Ao som das suas botas batendo no chão, ela me guiou até um cubículo onde se podia ler “Srta. P. Stoneway” no vidro jateado.

Nós nos sentamos um diante do outro, ela coloca o cabelo castanho para trás da orelha austeramente e retira um bloco de notas amarelo pautado de uma gaveta.

— Sua profissão? — solicita.

— Membro, Serviço Estrangeiro de Sua Majestade — respondo e, por alguma razão desconhecida, sinto o rosto corar.

Depois disso, eu me lembro mais de sua postura ereta, de seu queixo resoluto e de um errante fecho de luz solar tocando os pelinhos de sua bochecha, enquanto relato detalhes sórdidos da minha saga familiar, um atrás do outro.

— Posso chamar você de Nat? — pergunta, no fim de nossa primeira sessão.

Ela pode.

— As pessoas me chamam de *Prue* — diz, e marcamos uma reunião para duas semanas depois, e é quando, com a voz impassível de sempre, ela me informa sobre suas pesquisas.

— Cabe a mim informar, Nat, que, se todos os bens disputados de seu falecido pai fossem colocados nas suas mãos amanhã, eles não seriam suficientes para sequer pagar os honorários do meu escritório, muito menos para retirar as alegações remanescentes contra você. *Entretanto* — continua antes que eu possa me manifestar e dizer que não vou incomodá-la mais —, há provisões no nosso escritório para tratar de casos carentes e dignos, sem custo. E tenho a satisfação de lhe informar que o seu caso se enquadra nessa categoria.

Ela precisa de mais uma reunião, no prazo de uma semana, mas sou obrigado a adiá-la. Um agente letão tem de ser infiltrado no Exército Vermelho, sinaliza a nossa base em Belarus. No meu regresso às margens britânicas, convido Prue para jantar, só para ser secamente advertido de que é política do seu escritório que as relações com clientes se mantenham no nível impessoal. No entanto, ela tem a satisfação de me informar que, em consequência das ações do seu escritório de

advocacia, todas as alegações contra mim foram retiradas. Agradeço profusamente e pergunto se, neste caso, o caminho está livre para ela jantar comigo. Está.

Vamos ao Bianchi's. Ela usa um vestido de verão decotado, o cabelo agora saiu de trás das orelhas e todos os homens e mulheres no recinto olham para ela. Percebo rapidamente que minha lábia habitual não funciona. Mal chegamos ao prato principal e sou presenteado com uma dissertação sobre a lacuna entre a lei e a justiça. Quando chega a conta, ela se apossa do papel, calcula sua metade até o último centavo, acrescenta dez por cento pelo serviço e me paga em dinheiro, que retira da bolsa. Digo a ela com indignação simulada que jamais havia deparado com integridade tão descarada, e ela quase cai da cadeira de tanto rir.

Seis meses depois, com o consentimento prévio de meus chefes, pergunto a ela se consideraria se casar com um espião. Ela diz que sim. Agora é a vez de o Serviço levá-la para jantar. Duas semanas depois, ela me informa que decidiu suspender temporariamente sua carreira jurídica e participar do treinamento oferecido pela Central para cônjuges que em breve serão enviados a regiões hostis. Ela quer que eu saiba que a decisão foi tomada por sua livre e espontânea vontade, e não por amor a mim. Estava dividida, mas foi persuadida por seu senso de dever para com a nação.

Ela conclui o curso com louvor. Uma semana depois, sou enviado à embaixada britânica em Moscou como segundo-secretário (Comercial), acompanhado de minha esposa, Prudence. No fim das contas, Moscou foi o único posto que compartilhamos. As razões para isso não desonram Prue. Em breve chegarei a esse ponto.

Por mais de duas décadas, primeiro com Prue, depois sem ela, servi minha rainha sob cobertura diplomática ou consular em Moscou, Praga, Bucareste, Budapeste, Tbilisi, Trieste, Helsinque e mais recentemente em Talin, recrutando e operando agentes secretos de todo tipo. Jamais fui convidado à alta cúpula das decisões políticas e sou feliz por isso. O operador de agentes nato é dono de si mesmo. Pode receber as ordens de Londres, mas, quando está em campo, é senhor do seu destino e do destino de seus agentes. E, quando terminam seus anos de atividade, não há muitos postos à espera de um espião experiente, quarentão, que

detesta trabalho burocrático e tem o *curriculum vitae* de um diplomata mediano que nunca esteve à altura da função.

★

O Natal se aproxima. O dia do meu juízo final. No fundo das catacumbas da sede do meu Serviço, ao lado do Tâmis, sou levado até uma sala de interrogatório pequena e sem ventilação e recebido por uma mulher sorridente, inteligente, de idade indefinida. É Moira dos recursos humanos. Sempre houve algo meio estranho nas Moiras do Serviço. Elas sabem mais sobre você do que você mesmo, mas não lhe dizem o quê, nem se gostam ou não daquilo que sabem.

— Então, e a sua *Prue*? — pergunta Moira com entusiasmo. — Ela sobreviveu à fusão recente do escritório de advocacia dela? Deve ter sido perturbador, aposto.

Obrigado, Moira, não foi nem um pouco perturbador, e parabéns por ter feito o dever de casa. Eu não esperava menos de você.

— E ela está *bem*, não está? Vocês *dois* estão bem? — pergunta com uma nota de ansiedade que decido ignorar. — Agora que você está em *casa*, a salvo.

— Estamos muito bem, Moira. Muito felizes por estarmos juntos de novo, obrigado.

E agora faça a gentileza de ler minha sentença de morte e vamos acabar logo com isso. Mas Moira tem seus métodos. A próxima da lista é minha filha Stephanie.

— E ela não tem mais aquelas *dores de crescimento*, creio eu, agora que está *sã* e salva na universidade?

— Nenhuma dor, Moira, obrigado. Os professores dela estão nas nuvens — respondo.

Mas na verdade estou pensando é no seguinte: agora me diga que minha festa de despedida foi marcada para uma quinta-feira porque ninguém gosta de sexta-feira, e peça que eu leve a xícara de café frio três portas adiante, até o setor de reinserção, que vai me oferecer vagas tentadoras na indústria de armas, no serviço privado ou em outros depósitos para espões velhos, como o Fundo Nacional, a Associação Auto-



mobilitica e escolas particulares em busca de assistentes de tesoureiro. Por isso, é uma surpresa para mim quando ela anuncia animadamente:

— Bem, na verdade, nós temos *um* lugar para você, Nat, pressupondo que esteja disposto a assumi-lo.

Disposto? Moira, estou disposto como ninguém na face da terra. Mas apenas cautelosamente disposto, porque imagino o que você está prestes a me oferecer: uma suspeita que se transforma em certeza quando ela inicia um relato infantil sobre a atual ameaça russa.

— Não preciso te dizer que o Centro de Moscou está *acabando* com a gente em Londres e em todo lugar, Nat.

Não, Moira, não precisa me dizer. É o que tenho dito ao Escritório Central há anos.

— Eles estão mais desagradáveis do que nunca, mais descarados, mais intrometidos e mais numerosos. Você diria que é uma descrição justa?

Sim, Moira, diria. Leia meu relatório de final de temporada escrito na ensolarada Estônia.

— E, desde que expulsamos os espões *legais* deles aos montes — referindo-se a espões com cobertura diplomática, como eu —, eles têm inundado a gente com os *ilegais* — continua, indignada —, os quais, penso que você concorda comigo, são os mais problemáticos da espécie e os mais difíceis de farejar. Você quer fazer uma pergunta.

Arrisque. Vale a pena tentar. Nada a perder.

— Bem, antes de você continuar, Moira.

— Sim?

— Acaba de me ocorrer que talvez haja um lugar para mim no departamento da Rússia. Eles têm uma equipe completa de analistas jovens e sofisticados, todos nós sabemos *disso*. Mas que tal um apagador de incêndios visitante que é experiente; alguém, como eu, que fala russo como um nativo, que pode viajar para qualquer lugar num piscar de olhos e dar a primeira dentada em qualquer potencial desertor ou agente russo que brote em uma estação onde ninguém fala uma palavra da língua?

Moira já está balançando a cabeça.

— Sem chance, lamento, Nat. Sugeri você para Bryn. Ele está irredutível.

Tem apenas um Bryn na Central: Bryn Sykes-Jordan, para dizer seu nome completo, abreviado para Bryn Jordan no uso corrente, soberano vitalício do departamento da Rússia e meu antigo chefe na Estação em Moscou.

— Então, sem chance *por quê?* — insisto.

— Você sabe muito bem por quê. Porque a idade média do departamento da Rússia é 33 anos, mesmo contando com a idade de Bryn. A maioria é Ph.D., *todos* têm cabeça aberta, e *todos* têm conhecimento avançado em computação. Mesmo sendo perfeito em todos os requisitos, você não preenche mesmo esses critérios. Não é, Nat?

— E Bryn não está aqui, por acaso? — pergunto, num apelo derradeiro.

— Bryn Jordan, neste exato momento, está atolado até o pescoço em Washington, fazendo o que só Bryn pode fazer para salvar nosso relacionamento especial sitiado com o serviço de inteligência do presidente Trump pós-Brexit, e não pode, *em hipótese nenhuma*, ser incomodado, muito obrigada, nem por você, para quem ele manda cumprimentos afetuosos e condolências. Ficou claro?

— Sim.

— Porém — continua ela, ficando animada — tem uma vaga para a qual você é eminentemente qualificado. Qualificado até *demais*.

Lá vamos nós. A oferta tenebrosa que previ desde o início.

— Desculpe, Moira — interrompo —, se é no setor de treinamento, prefiro me aposentar. Muita bondade sua, muita consideração, *et cetera*, *et cetera*.

Parece que a ofendi, então peço desculpas novamente e digo que tenho todo respeito pelos homens e pelas mulheres honrados do setor de treinamento, mas continua sendo um obrigado, mas não, obrigado. Nesse momento, surge no rosto dela um sorriso surpreendentemente afetuoso, ainda que um tanto piedoso.

— Na verdade, *não é* o setor de treinamento, Nat, embora eu tenha certeza de que você se sairia muito bem lá. Dom quer muito dar uma palavrinha com você. Ou devo dizer a ele que você está se aposentando?

— *Dom?*

— Dominic Trench, nosso recém-nomeado chefe do Geral de Londres. Seu antigo chefe na Estação em Budapeste. Diz ele que vocês se deram incrivelmente bem. Tenho certeza de que vão se dar bem de novo. Por que você está me olhando com essa cara?

— É sério que Dom Trench é chefe do Geral de Londres?

— Eu não *mentiria* para você, Nat.

— Quando isso aconteceu?

— Há um mês. Enquanto você dormia em Talin, sem ler os nossos boletins. Dom vai te receber amanhã de manhã às dez em ponto. Confirme com Viv.

— Viv?

— A assistente dele.

— Claro.